

## MODERNIDADE – MUNDO URBANO

\*Joel Benin

Tentando compreender a evolução do mundo urbano, podemos identificar, na leitura de alguns autores, dos séculos XIX e XX, quando estes autores percebem que para alguns o modernismo poder ser algo relacionado a aspectos do espírito e mantém relação direta com o mundo intelectual e artístico ou fala-se em modernização que, para muitos, é a capacidade do homem de desenvolver a sociedade do ponto de vista material, econômico e político. Para Baudelaire, por exemplo, era necessário que o homem tivesse a capacidade de captar a aparência e o sentimento de sua própria era.

A cidade moderna e suas ruas apresentavam novos desafios, misturando novidades, incertezas e um certo movimento caótico mas, ao mesmo tempo, a cidade moderna, como mostra Baudelaire, desencadeia novas formas de liberdade criando oportunidades de novas experiências, possíveis de serem vividas pelas novas massas urbanas.

Para Clóvis Gruner e Luiz Carlos Cereza , no texto “As tramas da ficção”, a experiência da modernidade está diretamente relacionada com a vida urbana. Sobre isso afirmam:

A experiência da modernidade é essencialmente urbana. Razão pela qual a cidade constitui-se, principalmente ao longo do século XIX, paisagem privilegiada da vida moderna. Cenário de experiências, palco de inflexões, a cidade do século XIX seria o espaço por excelência da realização da utopia moderna: ela representa, a um só tempo, a possibilidade de desnaturalização e de fabricação de vida.(GRUNER; CEREZA *In* GRUNER; DENIPOTI, 2008, p. 149)

No contexto mundial foi com o crescimento do processo urbano industrial que na metade do século XIX fez surgir movimentos que despertaram a consciência de modernidade.

Esses movimentos se caracterizavam por reproduzir aspectos ligados à literatura, à política e às ciências.

Para Karl Frederik(1988, p. 21-22) *Apud* Velloso (2006, p. 353), “O sentido do moderno e do modernismo em qualquer época é sempre o de um processo de tornar-se. Pode ser tornar-se novo e diferente; pode significar subverter o que é velho...”

Com as descobertas das ciências, de certa forma, houve uma mudança da imagem do homem e do lugar que ele ocupa no universo. Segundo Berman:

[...]a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal expansão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu *habitat* ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano.[...] No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se “modernização” (BERMAN, 2005, p. 16)

Na Europa, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX a literatura viveu um período de pluralidade de tendências filosóficas, científicas e sociais. É um período das boêmias literárias, das leituras de cafés e da transição pré-vanguardista. Esse movimento tinha uma relação direta com a modernidade e buscava guiar-se a partir dos desafios por ela abertos.

Na França, a agitação cultural era intensa, neste período, com a fundação de revistas e divulgação de manifestos que oportunizava, então, inúmeros debates.

Em Londres, no final do século XIX, vivia-se o crescimento urbano acelerado, fruto da migração dos camponeses que buscavam uma nova opção de vida nas grandes cidades. A capital Inglesa concentrava o maior parque industrial europeu e uma classe operária numerosa e tinha a fama de cidade planejada, impondo um modelo de disciplina invejada inclusive pelos franceses.

A criação do metrô londrino era o exemplo da revolução social que simbolizava o aumento desenfreado do ritmo urbano, ao mesmo tempo em que buscava conquistar maior conforto para os cidadãos.

O Brasil no final do século XIX, buscava criar uma identidade própria. Os intelectuais da época perceberam a necessidade de uma mudança no mundo da estrutura política.

O Manifesto republicano de 1870, é considerado um dos marcos da modernização brasileira. O documento defendia o fim da escravidão, já abolida na Inglaterra e na França e a instauração da república que significou, vendo com olhos de hoje, o encerramento de um primeiro ciclo civilizatório brasileiro.

Nas primeiras décadas do século XX, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, houve uma tentativa de organizar uma idéia de identidade nacional a partir do Estado. Este estímulo vinha do declínio da cultura européia pós-guerra que

tornava a América uma nova opção cultural, expressão do novo e que já não se via como cultura inferior.

Esse movimento culminou na realização da Semana da Arte Moderna, em 1922, em São Paulo.

Essa nova visão fez com que intelectuais e artistas europeus se interessassem pela cultura brasileira e influenciaram artistas brasileiros, como Mário de Andrade e outros, que organizaram uma caravana, que andou por todo o país, descobrindo diferentes aspectos da cultura nacional.

Mário dizia ter orientação nacional e considerava-se um Cidadão do Mundo, trabalhador da coisa brasileira. Acreditava que um intelectual tinha que buscar um instrumento de trabalho que o aproximasse do povo.

Dizia ele: “Esta noção proletária da arte, da qual nunca me afastei, foi que me levou, desde o início, às pesquisas de uma maneira de exprimir-me em brasileiro.”(ANDRADE, 1989, p. 5)

O escritor Mário de Andrade expressava também em sua obra esse período que vivia o Brasil, especialmente São Paulo, que sempre exaltava como a terra do café, ainda influenciada pela velha república, mas que já vivia um crescimento populacional acelerado com a chegada de mais imigrantes, com as primeiras greves da classe operária, a influência dos anarquistas e o nascimento do Partido Comunista.

Esses movimentos iriam culminar com o fim da política do café-com-leite e com os acontecimentos da Revolução de 30 que faria com que o Brasil pudesse, definitivamente, entrar num processo mais profundo de modernização.

Se tomarmos o trem, como símbolo, como já foi utilizado, no texto, o metrô em Londres no final do século XIX, podemos destacar a opinião de Alexandre Gutierrez, superintendente da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul), em relatório endereçado ao Ministro de Viação e Obras Públicas, Dr. Marques dos Reis, do governo Getúlio Vargas, em 1936, percebemos que, tal símbolo, expressa o processo de modernização, em curso na época.

Disse ele:

Ademais, as estrada de ferro não se cinge apenas à tarefa transportadora, eis que, convenientemente implantada, contribui para o arejamento econômico das zona a que serve, impulsiona o aperfeiçoamento político e

social das coletividades, incentiva o intercâmbio cultural, multiplica os centros de produção, intensifica o povoamento e concorre para o fortalecimento da unidade nacional.(GUTIERREZ, 1937)

Para Darcy Ribeiro, antropólogo, escritor e político, Mário de Andrade escreveu sobre o mais brasileiro dos livros: *Macunaíma*.

Nesta obra de Andrade, Ribeiro faz a introdução, de onde se pode extrair o seguinte trecho:

Mário precisou de muita alma e coragem para escrever este retrato oblíquo, travesso, do Brasil. Sobretudo, para assumir a alegria infundada e até inverossímil de nossa gente tão pobre e famélica. Escrever *Macunaíma* exigia gênio demais. Isto, Mário tinha. Suficiente, não só para confessar, em desespero, que o mundo não tem remédio, mas também para transcender tanto do desengano poético, como do arrazoado ideológico e entrar na gandaia popular; rindo com o povo, neste livro-palhaçada: desconcertante utopia anti-ufanista. Desconcertante e polêmico, repito, mas norteador como nenhum outro. *Macunaíma*, polifonia das falas e dicas mais brasílicas, repertório de caçoadas e pilhérias, é o discurso que Mário nos mostra, matreiro, o caminho não ruibarbósico nem pem pauloprádico, de nos exercermos como intelectuais de nosso povo mestiçado na carne e na alma, desde sempre à véspera de realizar suas potencialidades.(RIBEIRO *In* ANDRADE, 1988, p. XVIII)

O Rio de Janeiro, no início do século XX, também respirava ares de modernidade. Capital da República, cheia de contradições, foi contada e narrada por João do Rio, intelectual, escritor e jornalista.

O Rio de Janeiro foi deixando para trás a velha capital do império e seus costumes, para inaugurar e dar espaço para as novas idéias de progresso que surgiam.

O formato das ruas se modificavam de estreitas e tortas elas se transformavam em largas avenidas. A luz elétrica substituía os bicos de gás; os bondes, puxados por burros, eram substituídos por bondes elétricos e os primeiros automóveis ocupavam espaço nas ruas. O ritmo da massa se acelerava, misturando progresso e caos. Santos Dumont era reconhecido, na Europa, por seus inventos.

Para Luiz Martins, em sua obra “João do Rio: Uma antologia”, revela que o escritor e jornalista era um profundo conhecedor da cidade carioca, desde os salões das altas rodas, até os mais obscuros antros da miséria e do vício.

Afirma, sobre isso, Martins, que:

Ele sabia criar, através das palavras, as sugestões da atmosfera noturna, abafada, sórdida, viciosa e irresponsável, mesmo em trabalhos que não eram de ficção, como, por exemplo, nessa impressionante reportagem da *Alma Encantadora das Ruas*, sobre os chineses fumadores de ópio, que realmente existiam no Rio daquele tempo. O Rio era sua matéria, seu cenário, seu assunto permanente, o seu mundo literário. No conjunto, a obra de João do Rio constitui o mais minucioso, vivo e válido dos retratos de uma época, através dos múltiplos aspectos da vida carioca, nas duas primeiras décadas do século XX (MARTINS, 1973, p. 12-13)

Numa sociedade ainda preconceituosa, com traços patriarcais, foi ele, João do Rio, um dos primeiros a apoiar as reivindicações do movimento feminista brasileiro, que buscava ganhar espaço no mercado de trabalho.

Através de suas reportagens defendeu, também, um novo sistema penitenciário e era contra a exploração de menores, prática corriqueira no Rio de Janeiro, que se dava através da mendicância.

João do Rio apresentava uma visão moderna que ainda se chocava com o velho, com o antigo que aos poucos, influenciado pelos movimentos externos e nacionais, dava novo formato à vida urbana das grandes cidades brasileiras, a exemplo do que ocorria em Paris e Londres.



\*\* Joel Benin foi presidente da UBES no período 1993 a 1995; Presidente da UPE, 1997 a 1999. É Secretário de Formação do PCdoB-PR. Faz parte da Comissão Nacional de Organização e Mobilização da III Conferência Nacional do Esporte do Ministério do Esporte. Foi Chefe de Gabinete da Paraná Esporte. É Acadêmico do 7º Semestre (último) do Curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná.

\* Texto publicado na Revista da Universidade Tuiuti do Paraná.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário. **O poço e outras histórias**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Florianópolis: UFSC, 1988

\_\_\_\_\_. **Poesias completas**. São Paulo: EDUSP, 1987.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FREDERIK, Karl. Tornar-se moderno: uma visão de conjunto. *In: O moderno e o modernismo, a soberania do artista*, Rio de Janeiro: Imago, 1988

GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Cláudio (Orgs.). **Nas tramas da ficção: história literatura e leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GRUNER, Clóvis; SEREZA, Luiz Carlos. Monstruosidades sedutoras: as “novellas paranaenses” e a invenção do urbano. *In: GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Cláudio (Orgs.). Nas tramas da ficção: história literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GUTIERREZ, Alexandre. **Relatório do ano de 1936 da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1937

MARTINS, Luiz. **João do Rio: uma antologia**, Rio de Janeiro: Sabiá, 1973

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo. Companhia das Letras, 1997

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: Record, 2007

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**.

VELLOSO, Mônica. P. O modernismo e a questão nacional. *In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006